

*MORRER EM VIDA: OS LUTOS  
DA VELHICE FEMININA*

Aline Sabbadini<sup>1</sup>  
Camila Cuencas Funari Mendes e Silva<sup>2</sup>  
Joselene Cristina Gerolamo<sup>3</sup>  
Máriele Rodrigues Correa<sup>4</sup>

---

1 Graduada em Psicologia. Mestra em Psicologia pelo Programa Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Pesquisadora vinculada ao núcleo de estudos e pesquisa "Envelhecimento, Finitude e Subjetividade" da Faculdade Ciências e Letras -UNESP (campus de Assis). E-mail: sabaddini.aline@gmail.com.

2 Graduada em Psicologia. Mestra em Psicologia pelo Programa Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Doutoranda e pesquisadora vinculada ao núcleo de estudos e pesquisa "Envelhecimento, Finitude e Subjetividade" da Faculdade Ciências e Letras -UNESP (campus de Assis). E-mail: camila\_cfms@hotmail.com.

3 Graduada em Psicologia. Mestra em Psicologia pelo Programa Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Pesquisadora vinculada ao núcleo de estudos e pesquisa "Envelhecimento, Finitude e Subjetividade" da Faculdade Ciências e Letras -UNESP (campus de Assis). E-mail: josiegerolamo@gmail.com.

4 Graduada em Psicologia. Mestra e doutora em Psicologia. Docente e pesquisadora do programa de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) campus de Assis, vinculada ao departamento de Psicologia Social e Educacional. Coordenadora do núcleo de estudos e pesquisa "Envelhecimento, Finitude e Subjetividade" da Faculdade Ciências e Letras -UNESP (campus de Assis). E-mail: mariele@assis.unesp.br.

## resumo

Esse trabalho apresenta um relato de experiência de uma atividade desenvolvida em conjunto com idosas frequentadoras de uma oficina da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da UNESP/Assis. O objetivo desse texto é analisar e discutir as perdas relacionadas ao processo de envelhecimento feminino. Partimos do pressuposto de que o luto não precisa ser elaborado apenas em situações de morte concreta, mas também se faz necessário quando há mortes simbólicas, como é o caso da aposentadoria, das mudanças corporais e das expectativas de comportamento que acompanham a velhice. O método adotado foi a Análise de Conteúdo, utilizado para refletir sobre as falas recolhidas durante a realização das atividades.

## palavras-chave

Envelhecimento. Feminino. Luto.

## 1 Introdução

Estamos vivendo em um mundo cada vez mais envelhecido. Nunca se atingiu uma idade tão avançada como nos dias atuais. A Organização das Nações Unidas (ONU) declara que estamos vivenciando uma era de transição demográfica global única e irreversível, sendo que a população idosa mundial tem aumentado ano após ano em uma velocidade estarrecedora. Em 1950, a população com 60 anos ou mais era de 205 milhões no mundo todo, passando para 820 milhões em 2012. As projeções apontam que haverá 2 bilhões de idosos em 2050. Dados da Organização das Nações Unidas (ONU) também apontam que, pela primeira vez na história da humanidade, temos um número maior de pessoas acima de 65 anos do que de crianças de zero a quatro anos (ONU, 2019).

Precisamos nos atentar a outro dado importante: o envelhecimento carrega consigo uma diferença substancial entre os gêneros. A começar pela expectativa de vida já que, ao nascer, a mulher tem a perspectiva de viver sete anos a mais do que o homem. Além disso, a proporção de viuvez feminina na velhice é maior que em qualquer faixa etária. As razões para tal fato repousam sobre certas particularidades, como a tradição da mulher em se casar com homens mais velhos do que ela. Também devemos levar em consideração que a mortalidade masculina é superior devido a maior exposição à violência cotidiana, que aumenta a probabilidade de sobrevivência do cônjuge do

sexo feminino. Além do mais, ao se tornarem viúvas, as mulheres preferem manter este status social enquanto os homens tendem a se casar novamente (SALGADO, 2002; GOLDENBERG, 2013; BAPTISTA, 2015).

Outro ponto marcante sobre a distinção da vivência da velhice entre os gêneros diz respeito a como este envelhecer é visto social e culturalmente. Atualmente, estereótipos são comumente utilizados para exemplificar o que é ser um homem ou uma mulher velha. Um exemplo é que o ganho de prestígio com a idade é deleite do masculino, enquanto a perda de valor é o ônus da velhice feminina. Salgado (2002) afirma que as características físicas advindas do processo de envelhecimento dispõem de forte conotação negativa para o feminino, enquanto que, para o masculino, pode significar ganhos, qualidades e virtudes. As rugas e os cabelos brancos denotam decadência, desleixo e feiura para as mulheres, ao passo que para os homens são possíveis atrativos físicos e, muitas vezes, considerados charmosos.

Nota-se que estas distinções entre a maneira com que o envelhecimento é visto e encarado reflete o sexismo difundido social e culturalmente. De acordo com Salgado:

Não é errado assinalar que essa discriminação para com a mulher idosa está intimamente ligada ao sexismo e é a extensão lógica da insistência de que as mulheres valem na medida em que são atrativas e úteis ao homem. A sobrevivência da mulher, tanto física quanto psicológica, tem sido vinculada à habilidade de corresponder ao homem e aos padrões sociais estabelecidos que reforçam constantemente o poder que emana do patriarcado. (SALGADO, 2002, p. 12).

Apesar das crescentes conquistas femininas, ainda vivemos em uma sociedade pautada em crenças sexistas e também ageístas – ou seja, discriminações referentes ao gênero e faixa etária. Imaginemos, portanto, como é ser mulher e velha neste cenário. Como afirmou a autora Sibilía (2011, p. 84): “Não é fácil ser velho no mundo contemporâneo – ser velha, então, pior ainda!”. Portanto, a velhice para o feminino concretiza-se como a fase de vida em que é preciso deparar-se com a dura missão de encarar uma dupla desvalorização: ser mulher e ser velha. Juntamos esta particularidade com as perdas naturalmente advindas da passagem inexorável do tempo que se revelam na invisibilidade, na ausência de papéis simbólicos, na negatização dos valores provenientes da juventude como beleza e fecundidade, entre tantas todas outras.

Este escrito dedica-se justamente a versar sobre as relações entre estas perdas e o envelhecimento feminino. Importante salientar que nos referimos em especial às perdas provenientes do que chamamos de mortes simbólicas, relativas à importância dada a eventos cotidianos que nos constituem

subjetivamente cujo implacável tempo se encarrega de nos tirar. Estas perdas podem ser tão dolorosas e/ou significativas quanto uma morte concreta, o que necessitaria de um tempo despendido para a elaboração do luto.

Diversos são os autores que se dedicaram ao estudo da temática do luto. Entre eles podemos citar Freud (1915/1996), Parkes (1998), Kübler-Ross (1998), Bowlby (1985), Kovács (1992). Independentemente do teórico e de sua abordagem, podemos resumir o luto como sendo uma reação frente a uma situação de perda. Segundo as considerações de Py (2004), o luto é um processo psíquico doloroso e, no caso específico da velhice, se relaciona a aspectos que a sociedade contemporânea valoriza excessivamente, como é o caso da juventude, produtividade e vigor.

O luto é um processo e não um estado e que não pode ser confundido, por si só, como uma doença mental. Sua duração e a maneira pela qual ele será vivenciado variam de pessoa para pessoa. Portanto, apesar de ser possível observar certas características que se manifestam na maioria dos sujeitos, deve-se levar em conta a singularidade e individualidade do enlutado. De acordo com Parkes (1998):

A dor do luto é tanta parte da vida quanto a alegria de viver; e, talvez, o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso. Ignorar este fato ou fingir que não é bem assim é cegar-se emocionalmente, de maneira a ficar despreparados para as perdas que irão inevitavelmente ocorrer em nossa vida, e também para ajudar os outros a enfrentar suas próprias perdas. (PARKES, 1998, p. 22 -23).

Apesar de o envelhecimento ser reconhecido como um período de perdas, é preciso compreender que é um período de perdas e ganhos, assim como qualquer outro (PY, 2004). Para Haddad (2008, p. 11), “perdas são experiências universais que ocorrem de modo particular e peculiar a cada ser humano, individualizando-o”. E não estão apenas relacionadas à morte concreta, mas a diversos aspectos que abrimos mão no decorrer de nossas vidas, como emprego, casa, status social e papéis que devemos abandonar, seja na infância, adolescência, fase adulta ou velhice. Embora estes eventos não estejam relacionados à morte em si, são momentos em que é necessário que haja elaboração de um luto para que o sujeito seja capaz de dar continuidade a sua vida.

O velho precisa lidar com um corpo que envelhece e, por vezes, com perdas de papéis sociais, da autonomia, segurança econômica, espaço físico e afetivo, entre outros. Entretanto, neste contexto, as mulheres acabam pagando um preço mais alto, já que desde a infância são ensinadas a lutar contra os efeitos do tempo. As histórias infantis são exemplos nas quais a velhice flerta com a maldade. Um fenômeno recente diz respeito aos aplicativos de jogos

infantis acessíveis pelo celular nos quais a criança pode efetuar procedimentos estéticos nas princesas que foram vítimas da velha bruxa. E claro, há o bombardeio de imagens que enaltecem o corpo jovem como se a juventude fosse um bem a ser conquistado a todo custo.

A velhice feminina também é vítima da invisibilidade social, uma vez que não mais jovens e não mais produtivas biologicamente e/ou financeiramente, essas mulheres se veem a mercê das vontades de terceiros como marido, filhos e até mesmo netos. Isto quando não são obrigadas a exercer determinadas funções tradicionalmente femininas como cuidadoras ou mantenedoras do lar.

O envelhecimento é cruel com o feminino. Não lhes é oferecido o direito de envelhecer e, quando isso ocorre, se refere a certo tipo de envelhecimento, considerado “positivo”. A juventude deixa de ser entendida como uma etapa da vida e passa a ser um valor, um bem que precisa ser alcançado independentemente da idade, por meio de estilos específicos de vida e consumo. Para Debert (2004, p. 23), “a visibilidade alcançada pela velhice é, antes, um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo”. Portanto, diante de todos esses apontamentos, acreditamos que envelhecer em nossa sociedade é um ato de rebeldia.

## 2 Metodologia e objetivos

Este escrito trata-se de um relato de experiência acerca da atividade grupal intitulada “Encontros com a Terceira Idade” que faz parte do hall de ações promovidas pela Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), localizada na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) - campus de Assis/SP. A UNATI é um projeto de extensão que tem por finalidade fomentar estratégias de intervenções de caráter educativo e cultural que possam produzir a expansão da subjetividade dos idosos bem como o reconhecimento como cidadãos de direito, combatendo o isolamento social a que muitos estão submetidos e colaborando na promoção (res)significações do processo de envelhecer.

A atividade “Encontros com a Terceira Idade” ocorre desde o início de 2013, mas para a elaboração deste escrito utilizaremos os dados levantados no período de 2017 a 2019. Anos em que as autoras deste texto eram coordenadoras desta atividade e alunas da pós-graduação e atuavam sob a orientação, acompanhamento e supervisão de uma docente responsável pelo núcleo de estágio profissionalizante “Envelhecimento e Processos de Subjetivação” do curso de Psicologia da UNESP/Assis. As discentes disponibilizaram-se a

realizar encontros semanais de duas horas de duração, dedicados a reflexões acerca de diversos temas previamente determinados em reuniões, seguindo às sugestões das participantes idosas ou mesmo oferecendo assuntos que estão em voga em dado momento. Para a realização desses encontros também eram utilizadas diversas ferramentas que serviam como disparadoras para o debate, como música, poesia, escritos, vídeos, entre outros.

Este espaço grupal é composto por aproximadamente 15 idosas com idade superior a 60 anos. Uma peculiaridade observada nesta prática é que apesar de ofertado a todo idoso da UNATI, a atividade é composta majoritariamente por mulheres. Foi o feminino que ao longo desses anos ousou olhar para sua própria velhice, a partir da abordagem de diversas temáticas, e que também trouxe à tona o luto por cada pedaço de si que ficou perdido no caminho do tempo. Assim surgiu a necessidade de escrever sobre tal temática, pois muitos destes lutos nem eram reconhecidos como tal, eram interiorizados, menosprezados e silenciados. Este artigo, portanto, tem como objetivo analisar e detalhar os aspectos referentes ao luto diante de mudanças sociais, psicológicas e corporais decorrentes do processo de envelhecimento feminino em um grupo de idosas.

A metodologia de análise empregada para o exame dos dados foi a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2009), que a define como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 2009, p. 44).

Esse método de análise se constitui por um conjunto de técnicas caracterizadoras das condições produtivas do discurso, seja ele escrito ou oral. É importante salientar que a análise de conteúdo não é um estudo da linguagem, mas sim uma forma de investigar, por meio da linguística, as variáveis inferidas (psicológicas, históricas, políticas, sociais, culturais, etc.) que permeiam determinadas falas. A Análise de Conteúdo procura “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (MINAYO, 2007, p. 316).

Esse método é dividido em três etapas. A primeira se refere à organização e sistematização das ideias a serem pesquisadas, isto é, escolha do material que posteriormente será submetido à análise, elaboração de objetivos e estruturação dos indicadores de análise. Em seguida avançamos para a fase de exploração do material que será decodificado pelas regras estabelecidas na etapa anterior. Por fim, trataremos dos resultados e sua interpretação.

### 3 Resultados

Este escrito se baseia nos materiais recolhidos nas oficinas e que permearam temas que fizessem referência aos lutos simbólicos que as mulheres participantes do grupo se depararam durante o seu processo de envelhecimento e que externalizaram por meio de suas falas neste espaço coletivo. Assim, os indicadores de estudo são: mudanças corporais, impacto da aposentadoria e impedimentos sociais/expectativas de comportamento.

#### 3.1 Aposentadoria

A aposentadoria foi uma das categorias que conseguimos coletar a partir dos relatos das participantes da oficina “Encontros com a Terceira Idade”. A literatura sobre a velhice demonstra que o aposentar-se recai de forma mais violenta sobre os homens na velhice. Conforme Pacheco (2004, p. 219), “os aposentados, sem o trabalho a que se dedicaram durante longos anos de suas vidas, quase sempre, desenvolvem sintomas depressivos em face das dificuldades de refazerem seus projetos de vida de uma maneira produtiva e socialmente útil”. No entanto, a participante Vilma (78 anos) afirma: “*Preencher a vaga de aposentada é muito chata*”. Tal elocução afirma que as mulheres também se incomodam, pois o achatamento do indivíduo resulta em sua opressão e sujeição enquanto detentoras de direitos com o novo status de aposentadas.

Elas afirmam que, nesta fase da vida, encontram-se em concordância com a inutilidade e o sofrimento, como afirma Alice (73 anos) “*Aposentei e comecei a me sentir inútil [...] O impacto da aposentadoria judia*”. Da mesma forma, as participantes expressam o luto acerca deste período de transição que demarca a entrada na velhice de forma mais explícita como: “*Pra você aposentar você precisa envelhecer, são dois impactos na vida*” (Alice, 73 anos) e “*Deixar de trabalhar é bem difícil porque é um desfazer de vínculos. Você é esquecido*” (Vilma, 78 anos). Soa no mínimo contraditório, acreditamos que se torna perverso que uma mulher ao se aposentar seja forçadamente a desfazer laços que a vida toda fora levada a tecer. Há nas falas apresentadas uma denúncia de como somos despreparados socialmente quanto à importância e valorização da experiência daqueles que envelhecem. O mais importante a destacar é que a velhice se trata de um processo contínuo de possibilidades e descobertas que só encontra seu fim com a morte concreta.

Tais discursos demonstram o sofrimento em deixar de exercer atividade laboral e o quanto este fato ainda marca suas vidas. Segundo Bosi (1994), isso

acontece por que, para muitas pessoas, “a memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia” (1994, p. 481). Em uma sociedade em que o sujeito se identifica pelo seu trabalho, perdê-lo é também perder uma parte de si. Como então continuar tendo desejo pela vida se o que dava sentido à existência lhe foi tirado? Para Bosi (1994), o segredo de manter nosso interesse pela vida é continuar construindo projetos. Nesse sentido, ressaltamos o papel do profissional da psicologia, que é lutar para que os velhos não sejam expulsos da sociedade que são construtores/constituidores.

### 3.2 Mudanças corporais

Também encontramos diversas falas referentes às mudanças corporais sentidas no processo de envelhecimento. A maioria dessas falas era voltada para o surgimento dos cabelos brancos e das rugas, como podemos observar pela fala de Vilma (78 anos): “*A pior coisa é olhar no espelho e ver a ruga. Isso me incomoda, mas eu tento não me abater. Fiz tratamento, mas não deu jeito. Fazer o que...*”. Para Sibilia (2011, p. 83), “sinais de uma derrota na luta pela permanência do aspecto juvenil, as rugas são moralmente condenáveis devido à sua indecência [...]”. A autora ainda acrescenta que “[...] as rugas constituem uma afronta à tirania da pele lisa sob a qual vivemos” (2011, p. 83). Em uma sociedade que cultua a juventude e se horroriza diante das marcas da passagem do tempo, o direito a envelhecer passa a ser negado. Para Beatriz (78 anos), “*Deus fez as coisas certas, você vai perdendo a visão pra não enxergar as rugas*”. A sociedade é tão cruel com a velhice que as mulheres se tornam gratas pela dificuldade de enxergar os próprios vestígios do tempo.

“*Você ganha com a idade, mas vai ficando mais feia*”, é assim que Márcia (73 anos) se sente em relação à velhice. Quanto a isso, Sibilia (2011), afirma que “em meio a uma crescente tirania das aparências juvenis, a velhice é censurada como algo obscuro e vergonho, que deveria permanecer oculto, fora de cena, sem ambicionar a tão cotada visibilidade” (2011, p. 94). Portanto, como nos aponta a fala de Márcia, a velhice é concebida sob a ótica da feiura, mesmo quando é colocada como um momento de aquisições. A beleza, assim como a feiura, são construções sociais e culturais produzidas e reproduzidas através dos tempos e em cada momento são reforçados padrões de reprodução. Neste sentido, consideramos que, com o aumento da expectativa de vida, bloquear o tempo se tornou um imperativo, matando simbolicamente as formas singulares e múltiplas de toda uma geração de mulheres, de uma sociedade e também



da história da humanidade. O congelamento do tempo nos leva ao embrutecimento nas relações e ao adoecimento psíquico.

No que diz respeito aos cabelos brancos, Solange (72 anos) diz que, “cabelos brancos mostram o efeito do envelhecimento. Mas é fácil, é só pintar”. Para algumas, a preferência pelo cabelo grisalho pode ser considerado uma espécie de desleixo, mas para outras se trata uma forma de afirmação da velhice e libertação individual dos padrões que tanto aprisionam as mulheres. Em uma sociedade em que a norma é pintar os cabelos, deixá-los brancos é uma forma de diferenciação e contestação dos padrões do envelhecer (CASOTTI; CAMPOS, 2011).

### 3.3 Expectativas de comportamento

As etapas de nossas vidas são acompanhadas de expectativas de comportamentos que levam a certos impedimentos sociais. Ou seja, as faixas etárias são categorias que encaixam os sujeitos e ditam como devem e podem agir de acordo com o contexto social. Dessa forma, temos funções específicas e podemos ocupar espaços específicos de acordo com a idade que temos (DEBERT, 2004). Nesse sentido, fica claro a fala de Isaura (71anos):

*Eu sempre adorei roupa mini, mini saia sabe. Quando era jovem tinha que usar saia 8 centímetros para baixo do joelho porque senão a gente podia ficar falada, eu nem ligava. Se fosse pra sair com saia para baixo do joelho eu nem saia de casa. Hoje eu não uso mais saia curta, minhas pernas ficaram feias.*

Na velhice, não é permitido ostentar roupas que exibam partes do corpo, já que esses corpos não se inserem em uma lógica em que são considerados desejáveis. Para Baptista (2015, p. 732) “apenas um corpo jovem, magro e aparentemente saudável pode ser visto como aquele desejado, porquanto o corpo idoso é visto como repleto de doenças, debilidade física, desânimo e dependência”. É algo tão internalizado que já é compreendido como um impedimento social, conforme demonstram as falas de Solange e Vilma, respectivamente: “Saia curta não combina mais com a nossa idade” e “Muita gente também não usa blusa sem manga para não mostrar o braço”. Para Sibilía (2011, p. 85), “fatores socioculturais, econômicos e políticos exercem uma pressão sobre os sujeitos dos diversos tempos e espaços, estimulando a configuração de certas formas de ser e inibindo outras modalidades”.

Também observamos esse mesmo raciocínio no tocante ao corte de cabelo. Para a participante Isaura, “cortar o cabelo muito curto não fica bem. Mas muito

*comprido também não. Fica feio velha com cabelão e olha que eu sempre adorei um cabelo comprido".* O que muda na velhice? Aparentemente não nossos gostos e preferências, mas sim o modo como a sociedade vai nos enxergar. E nossos corpos são moldados de acordo com esses padrões cruéis, independente de quantos anos carregamos em nossa existência.

#### 4 Conclusão

A velhice é complexa e carrega em si a herança irreversível do tempo. Um dos vieses para sua problematização é o enfoque de gênero que se revelou neste trabalho em dados demográficos e nas experiências do envelhecer no contexto social e cultural contemporâneo. Buscando congruências entre aspectos singulares/subjetivos e plurais/coletivos, adentramos no contexto simbólico de experiências de luto exemplificados em narrativas de mulheres participantes de um grupo voltado a esta especificidade.

Através de suas narrativas, apresentamos e refletimos quais preconceitos, estigmas e interdições são expoentes de mortes simbólicas em um contemporâneo que alimenta um ideal possível de alcançar, com um tempo coagulado em ideais de beleza, juventude e riqueza. Com uma perfeição inatingível, a velhice é levada a uma condição exclusiva com a morte. O que, por sua vez, invisibiliza identidades e torna inaudíveis suas falas, não havendo uma linguagem em que tais experiências possam ser partilhadas. Tampouco, encontram-se escutas sensíveis e hábeis no manejo de seus conteúdos.

Descobrimos neste cenário terrificante um solo fértil para o trabalho em grupos com a Psicologia, valendo do espaço coletivo como elemento continente de experiências e levando a criação de canais de comunicação efetivos para a velhice feminina. O grupo nos atentou para a importância de darmos visibilidade a suas causas. A morte social retratada pela aposentadoria nos traz o quanto somos herdeiros e reprodutores de um sistema que capitaliza o indivíduo em sua totalidade, atribuindo prazo de validade em vista de sua produtividade econômica – deprimindo quaisquer formas de pulsão de vida.

O tempo concretizado em marcas corpóreas é o alvo para a guerrilha do consumo, tatuando conceitos de inadequação e repulsa intergeracional e construindo barreiras à velhice. Salientamos que a beleza da velhice só é visível a quem as vê com olhares de potência de vida. Wolf (1991) relatou em sua obra o quanto à cultura é repressora de desejos femininos e, ao concordarmos com sua fala, enfatizamos o quanto o espaço grupal é um expoente de desenvolvimento

e acolhimento subjetivo através da oportunidade de externalizar, compartilhar e validar experiências da velhice, como a das mortes em vida.

Que o registro de tais experiências e narrativas se valha para a remoção de barreiras sociais, culturais, econômicas políticas e de práticas universalizantes que desrespeitam singularidades no contexto coletivo. Apostamos na construção de uma velhice permeada de possibilidades, pluralidades e potencialidades, para homens e mulheres de diferentes gerações.

## DYING IN LIFE: THE MOURNING OF THE FEMININE AGING

### abstract

This paper presents an experience report of an activity developed with elderly women attending a workshop of the Open University for Senior People (UNATI) of UNESP / Assis. The purpose of this text is to analyze and discuss the losses related to the female aging process. We take as basis the assumption that grief does not have to be worked out only in situations of concrete death, but is also necessary when there are symbolic deaths, such as retirement, body changes and behavioral expectations that accompany old age. The method adopted was Content Analysis, which was used to reflect on the statements collected during the activities.

### keywords

Aging. Feminine. Mourning.

### referências

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. Corpo e envelhecimento: um estudo de caso em uma universidade aberta à terceira idade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 723-741, 2014.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Coimbra: Edições 70, 2009.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOWLBY, John. *Apego, perda e separação*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

CASOTTI, Leticia; CAMPOS, Roberta. Consumo da beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. In: GOLDENBERG, Mirian (org). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 2004.
- FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996.
- GOLDENBERG, Mirian. *A bela velhice*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- HADDAD, Dayana. Ferrari. *Vivências de perda e luto de idosos residentes em uma instituição asilar de longa permanência em Ribeirão Preto – SP*. 2008. 64f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.
- KOVÁCS, Maria Julia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- KUBLER- ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- ONU. (Organização das Nações Unidas). *Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio*. Publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). Nova York, USA, 2012.
- UNITED NATIONS. *World Population Prospects 2019*. New York: Department of Economic and Social Affairs, 2019.
- PACHECO, Jaime Lisandro. Trabalho e aposentadoria. In: PY, Ligia et al. (org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau, p. 201-223, 2004.
- PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
- PY, Ligia. Envelhecimento e subjetividade. In: PY, Ligia et al. (org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Editora NAU, 2004.
- SALGADO, Carmen Délia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.
- SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. In: GOLDENBERG, M. (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

Data de Submissão: 09/09/2019  
 Data de Aprovação: 10/11/2020